



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE FILOSOFIA**

MARCELO WILIAN COSTA

O CONCEITO DE APOROFOBIA: APONTAMENTOS FILOSÓFICOS

**CHAPECÓ
2020
MARCELO WILIAN COSTA**

O CONCEITO DE APOROFOBIA: APONTAMENTOS FILOSÓFICOS

Trabalho de Conclusão do Curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de licenciado em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Elsio José Corá

CHAPECÓ

2020

Dedico este trabalho, com muito amor e carinho, aos meus avós maternos (Jandira e Roberto *in memoriam*), minha mãe biológica (Adelaide), aos meus pais “adotivos” (Celso e Teresinha), sem eles nada do que aqui foi realizado seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o professor Elsio José Corá por sempre me receber de forma calorosa e amistosa, por sua paciência, compreensão e por ter guiado meus estudos no caminho da ética e política, hoje ferramenta fundamental para meus devaneios filosóficos. Agradeço, também, os professores Nedito e Maurício pelo acolhimento, compreensão e ensinamentos no decorrer do Curso e os apontamentos filosóficos neste trabalho.

Agradeço, de maneira especial, a minha família que mesmo de longe sempre foi minha base, refúgio e fortaleza. Esse trabalho é resultado de uma construção coletiva, logo agradeço minhas amigas e meus amigos pela força e entusiasmo. Os colegas do futebol, sendo essas atividades uma válvula de escape e também uma terapia para passar por esse processo de formação e amadurecimento. “Se cheguei até aqui foi porque me apoiei no ombro dos gigantes” (NEWTON, Isaac).

“No hay ningún ser humano que no tenga nada valioso que ofrecer”
(CORTINA, Adela).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 CAPÍTULO	8
1.1 CASOS DE APOROFOBIA NA EUROPA	12
1.2 CASOS DE APOROFOBIA NO ESTADOS UNIDOS “MURO MEXICANO”. 16	16
1.3 OS MUROS VÃO ALÉM DE DIVIDIR.....	18
1.4 POBRES, OS MAIS ATINGIDOS	20
1.5 CASOS DE APOROFOBIA NO BRASIL	20
2 CAPÍTULO	25
2.1 JESSÉ SOUZA, DIPLOMATIQUE.....	25
2.2 PATRIMONIALISMO DOMINANTE.....	25
2.3 A CONSTRUÇÃO DA ESFERA PÚBLICA	26
2.4 MERITOCRACIA.....	28
2.5 ESCRAVIDÃO MODERNA.....	30
2. A INCLUSÃO DO OUTRO	31
2.7 POBREZA NO BRASIL	32
3 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Pode-se afirmar que o termo Aporofobia¹ ainda é um campo recente e em formação dentro da história do pensamento filosófico, e que de certa forma corre contra o tempo para se manter atualizada em um cenário no qual o desenvolvimento ocorre em ritmo acelerado. Devido a essa velocidade das inovações disponíveis na atualidade, acreditamos ser imprescindível, do ponto de vista da pesquisa filosófica, a busca por ferramentas conceituais capazes de proporcionar um melhor entendimento dos fenômenos que se revelam diante das relações entre os seres humanos. Para isso, encontramos em nossa pesquisa, a obra *Aporofobia, el rechazo al pobre: Un desafío para la democracia* da filósofa espanhola Adela Cortina²; um conceito que nos auxiliou no caminho de descoberta de algo que não é tão novo: a aversão aos pobres.

O objetivo central deste trabalho é apresentar e compreender o conceito de aporofobia em Adela Cortina e a interpretação dada ao conceito por Jessé de Souza³. Tal vivência está acontecendo em vários países, como, na Europa (Espanha e Hungria), e na América, em países como Estados Unidos, México e, também, no Brasil. Objetivando, ainda, a busca de diferentes possibilidades de investigação do fenômeno e uma possível superação deste, por meio dos apontamentos oferecidas pelos pesquisadores supracitados.

Cortina identifica e articula uma descrição do fenômeno chamado de aporofobia, do desprezo e ódio aos pobres, comum nos países ricos, que recebem de braços abertos e louvam visitantes endinheirados, mas tratam mal, com medo e aversão, aqueles que são pobres e, conseqüentemente, não podem contribuir para o crescimento da economia de seus países. Ela também examina as causas e condições éticas, políticas e socioeconômicas necessárias para estados democráticos superarem esse fenômeno. No plano moral, do repúdio à aporofobia e consolidação de uma cultura cordial e igualitária, os ideais de dignidade e compaixão estão no centro de seu projeto: para proteger os pobres dos perigos do ódio e desprezo que são dirigidos a coletivos, incluindo outros grupos inferiorizados, tais como os islamitas (islamofobia) e homossexuais (a homofobia).

A autora sustenta que o Estado e suas instituições devem instruir seus cidadãos, por um lado, para uma profunda preocupação empática (compassiva) com o outro e, por outro, o respeito pela dignidade da pessoa concreta (carne e osso) – para além do respeito e defesa da

¹ Aporofobia (do grego *άπορος* (á-poros), sem recursos, indigente, pobre; e *φόβος* (fobos), medo) refere-se ao medo, rejeição, hostilidade e aversão às pessoas pobres e à pobreza.

² Adela Cortina é uma filósofa espanhola nascida em Valência, Espanha.

³ Jessé José Freire de Souza é um sociólogo brasileiro nascido no Rio Grande do Norte, Brasil.

integridade do ser humano em geral, o respeito a pessoas de carne e osso. Também, devido a especificidade de seu estudo, imigrantes ou concidadãos pobres, aqueles que precisam de ajuda e pouco podem oferecer para o progresso material e aumento da riqueza das nações. Em vista disso, ela defende que a criação de uma cultura mais igualitária, de compaixão e dignidade, que evite os delitos e o ódio, deve ser dirigida por meio de um projeto comum.

Observa-se que a pobreza é uma consequência social que acompanha o ser humano desde os primórdios da humanidade. Nas sociedades hodiernas, embora cheias de programas sociais e políticas populistas, a pobreza é realidade. Por uma condição social inferior e décadas de construção e interiorização social de que o pobre “mancha” as cidades, a fobia desse grupo aumenta, tornando-o perseguido e inferiorizado pelas classes superiores. O pensamento ocidental oferece uma resposta a esse grave problema que afeta a todos. Entende-se que a pobreza como a má distribuição de recursos (concentração de renda de forma desigual, em que muitos têm pouco e poucos têm muito), a falta de oportunidades iguais e a irresponsabilidade de instituições que às vezes são incapazes de oferecer uma resposta a esse problema.

Cortina empreende a favor de uma resposta ao desafio da pobreza não apenas em uma chave humanitária, mas também em uma chave ética e política. De fato, para a autora, a questão da pobreza não deve ser tratada apenas como uma questão de caridade, mas como uma questão de justiça ética e social obrigatória. Para alcançar esse objetivo, o Direito e o Estado são essenciais, mas não suficientes, uma vez que é necessária a contribuição da sociedade civil.

Assim, guiados pela intenção de compreender o conceito de aporofobia será apresentado a interpretação de Adela Cortina e a repercussão, no contexto atual, dos continentes europeu e americano sobre o tema (não iremos abordar a chamada filosofia da migrações e do asilo. Esse tema será objeto de estudos futuros). A diferença entre xenofobia e aporofobia será apresentada no decorrer do capítulo juntamente com o crescimento do reconhecimento da palavra aporofobia; o Estado de Bem-Estar Social como ferramenta no combate a aporofobia; e os casos de aporofobia na Europa serão analisados, principalmente contra imigrantes e moradores em situação de rua. Também, iremos trazer alguns exemplos de aporofobia nos Estados Unidos, tendo o muro como o principal “protagonista” de toda aversão, divisão e morte dos pobres. Por fim, buscamos citar os casos de aporofobia no Brasil, suas consequências e as formas de combate utilizadas para minimizar seus efeitos.

No segundo capítulo apontamos a interpretação de Jessé de Souza em relação a esse fenômeno na obra: “A elite do atraso”, na qual o autor faz referência a elite brasileira e a

origem da desigualdade social em nosso país. O caminho do patrimonialismo brasileiro e suas etapas, a construção da esfera pública, a meritocracia e a escravidão moderna brasileira. A inclusão do outro como um dos caminhos de combate a aporofobia na atualidade, baseada na justiça moral e social, bem como os aspectos relacionados a pobreza no Brasil e a desigualdade em tempos de crise econômica e ética.

Por ultimo, na parte conclusiva deste trabalho defende-se que a pobreza e a desigualdade social são as principais causas da aporofobia, sendo o Estado uma ferramenta para combater essa pobreza e desigualdade. Aponta-se, também, alguns caminhos para minimizar a aporofobia como empatia, investimentos em educação, políticas sociais de acesso, inclusão do outro e crescimento econômicos são algumas atitudes que podem ser tomadas para seu enfrentamento.

1 CAPÍTULO

Aporofobia (do grego άπορος (á-poros), sem recursos, indigente, pobre; e φόβος (fobos), medo) refere-se ao medo, rejeição, hostilidade e aversão às pessoas pobres e à pobreza. A palavra “aporofobia” tem sido usada na Europa para caracterizar o tratamento dado aos imigrantes e refugiados. Criado pela professora e filósofa, Adela Cortina, catedrática da Universidade de Valência, na Espanha, o termo tem como pilar o racismo e a xenofobia podendo ser usada também no contexto histórico e atual brasileiro (REDE BRASIL ATUAL, 2018)⁴.

De acordo com o site de notícias Carta Maior, a palavra Aporofobia, a aversão aos pobres, foi eleita a palavra do ano pela Fundação Espanhol Urgente⁵ (Fundéu), em evento promovido pela agência de notícias Efe e pelo banco BBVA⁶. Esse neologismo⁷ – recentemente incorporado à versão digital do dicionário pela Real Academia Espanhola⁸ (RAE) – foi criado pela filósofa espanhola Adela Cortina e usado em vários dos seus trabalhos onde adverte sobre o fato que se usa termos como “xenofobia”⁹ ou “racismo”¹⁰ para classificar o rechaço a imigrantes ou refugiados, quando na verdade essa aversão não se produz por sua condição de estrangeiros, e sim porque são pobres¹¹.

Creio que é oportuno que se fale de um fenômeno existe e que este tenha um nome. Me chama a atenção quando se diz que é preciso dar nome às tormentas, por exemplo, ou aos ciclones, porque assim as pessoas se previnem contra eles. A aversão aos pobres, a atitude de relegá-los socialmente, também é algo que se deve prevenir, porque é o mais contrário à dignidade das pessoas e um desafio contra a

⁴ Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/07/aporofobia-a-aversao-aos-pobres-define-o-brasil-pos-golpe-diz-feijoo/>. Acesso em 01 dez. 2019.

⁵ O Fundéu BBVA é uma organização sem fins lucrativos criada em fevereiro de 2005 em Madri, Espanha. A Fundação foi criada em colaboração com a Real Academia Española e é fundada sob o Departamento de Espanhol Urgente da Agência EFE.

⁶ O Banco Bilbao Vizcaya Argentaria é um grupo bancário espanhol com participação em entidades financeiras em mais de trinta países.

⁷ Neologismo é um fenômeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente. Pode ser fruto de um comportamento espontâneo, próprio do ser humano e da linguagem, ou artificial, para fins pejorativos ou não.

⁸ Academia fundada em Madri em 1713 que tem a tutela oficial da língua castelhana.

⁹ É o medo, aversão ou a profunda antipatia em relação aos estrangeiros, a desconfiança em relação a pessoas que vêm de fora do seu país com uma cultura, hábito, raça ou religião diferente.

¹⁰ Consiste no preconceito e na discriminação com base em percepções sociais baseadas em diferenças biológicas entre os povos.

¹¹ Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FDireitos-Humanos%2FAporofobia-termo-para-aversao-aos-pobres-e-eleito-palavra-do-ano-nEspanha%2F5%2F39047&fbclid=IwAR2Gk322ZrFRF3jqWjTf8BjhamkrC-fyZO4AnCuDsIEJbqzEGkgsJfZvl6o>. Acesso em: 01 dez. 2019.

democracia. Não pode ser que uma parte da população despreze a outra e a considere inferior (CORTINA, 2018, CARTA MAIOR).¹²

Cortina (1995) utilizou o termo pela primeira vez em um artigo que publicou em 1995, desde então, o emprega em diferentes artigos no que se refere aos problemas do Mediterrâneo, “que eram de xenofobia até certo ponto, porque o turismo é a principal riqueza da Espanha, e quando se trata destes estrangeiros ricos não há xenofobia, há hospitalidade. Contudo, quando chegam refugiados, imigrantes, se produz outro tipo de aversão” (CARTA MAIOR, 2018)¹³.

De acordo com a Academia Espanhola a aporofobia é uma patologia social¹⁴ que existe em todo o mundo e o primeiro que se deve fazer é “reconhecê-lo, saber como ele acontece e trabalhar para desativar esse fenômeno”, definido como “absolutamente corrosivo”.

A maneira de começar a pensar se parece correto que uma sociedade rejeite os que nela vivem com menos recursos econômicos é saber que isso é uma realidade dos dias de hoje, e que temos que combater esse sentimento”, agregando que o ódio ao pobre “é o mais contrário à democracia que pode existir, mais contrário aos direitos humanos, mais à ideia de dignidade do ser humano (CORTINA, 2018, CARTA MAIOR.)¹⁵

Cortina (2018) destaca que “as palavras são importantíssimas em nossas vidas, e fico feliz em saber que se criam palavras para poder definir melhor a realidade. A gente sabe facilmente quando usar a palavra ‘mesa’ ou ‘cadeira’ quando as vemos, mas como saber quando apontar que existe um caso de ‘aporofobia’, ou de ‘democracia’?”. O termo vem ganhando popularidade no meio acadêmico, e também entre organizações solidárias e até no Observatório do Ministério do Interior, que analisa os casos de xenofobia, homofobia e outros (CARTA MAIOR, 2018). Ela entende que precisamos agir de forma efetiva para contribuir com a construção de caminhos eficazes no combate a aporofobia, o fato de conceituar é uma

¹² Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FDireitos-Humanos%2FAporofobia-termo-para-aversao-aos-pobres-e-eleito-palavra-do-ano-nEspanha%2F5%2F39047&fbclid=IwAR2Gk322ZrFRF3jqWjTf8BjhamkrC-fyZO4AnCuDsIEJbqzEGkgsJfZvl6o>. Acesso em: 01 dez. 2019.

¹³ Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FDireitos-Humanos%2FAporofobia-termo-para-aversao-aos-pobres-e-eleito-palavra-do-ano-na-Espanha%2F5%2F39047&fbclid=IwAR2Gk322ZrFRF3jqWjTf8BjhamkrC-fyZO4AnCuDsIEJbqzEGkgsJfZvl6o>. Acesso em 01 dez. 2019.

¹⁴ Um estado relativamente prolongado de ausência ou de alteração da normalidade de uma instituição, de uma organização, do sistema econômico, do sistema de saúde, do sistema de ensino ou da sociedade em termos globais.

¹⁵ Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FDireitos-Humanos%2FAporofobia-termo-para-aversao-aos-pobres-e-eleito-palavra-do-ano-nEspanha%2F5%2F39047&fbclid=IwAR2Gk322ZrFRF3jqWjTf8BjhamkrC-fyZO4AnCuDsIEJbqzEGkgsJfZvl6o>. Acesso em: 01 dez. 2019.

ferramenta importante para iniciar o debate tão necessário na nossa atualidade, precisamos falar sobre a aversão aos pobres do mundo inteiro.

A filósofa reconhece com preocupação o crescimento de movimentos que ela classifica como aporófbos, que estão ganhando terreno nos Estados Unidos e na França, como o discurso anti mexicano de Donald Trump¹⁶ e da Frente Nacional de Marine Le Pen¹⁷ contra os imigrantes. “É um dos grandes problemas do nosso tempo, porque desde 1948, ano da Declaração Universal dos Direitos Humanos, nós dizemos que isso era inadmissível, e agora está voltando a ser uma tendência” (CARTA MAIOR, 2018).

Segundo Adela Cortina, a motivação moral para trabalhar em prol de normas universalistas que protegem toda e qualquer pessoa, e não apenas as que oferecem vantagens, é tão fraca que é difícil na vida cotidiana erradicar a rejeição de grupos relegados em uma sociedade. Porque eles não parecem ter muito a oferecer. A aporofobia bate nesse desprezo pela pior situação e assume a forma de xenofobia, racismo, misoginia, homofobia ou aversão a crenças de outras religiões ou ideologias. (Pag.70).

Para Cortina (2016) nossos cérebros são xenófobos, mas sobretudo são aporófbos, pois temos ódio e desprezo pelo estrangeiro pobre. Não nos incomodam os estrangeiros que chegam com um monte de dólares. "Que venham, estamos encantados!" Não nos incomodam os árabes que chegam cheio de petrodólares. Quem nos incomoda? Os que chegam sem dinheiro. Os que não têm nada para dar em troca (GAUCHAZH, 2016.).¹⁸

A discriminação e a violência são fenômenos crescentes na sociedade espanhola, com registros oficiais de crimes de ódio cometidos no país nos últimos anos. A situação, no entanto, não é exclusiva da Espanha. A diversidade da sociedade europeia foi recentemente ameaçada por movimentos e forças contrárias à integração da pluralidade, como pode ser visto no crescimento de partidos de extrema direita em alguns países ao nosso redor.

O êxodo de migrantes econômicos e refugiados políticos, que deixam seus países de origem fugindo da guerra e em busca de uma vida melhor, é um dos maiores desafios que enfrentamos no mundo globalizado. Infelizmente, entre os países europeus, há uma recusa em aceitar refugiados, conforme determinado pelo sistema de cotas da Comissão Europeia. Enquanto isso, partidos xenófobos ganham cotas e cadeiras de poder com um discurso

¹⁶ Donald John Trump é um empresário, personalidade televisiva e político americano, sendo atualmente o 45.º presidente dos Estados Unidos.

¹⁷ Marion Anne Perrine Le Pen, mais conhecida como Marine Le Pen, é uma advogada e política de extrema-direita da França. Deputada do Parlamento Europeu.

¹⁸ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2016/06/nao-sao-os-mais-pobres-que-violam-as-regras-diz-filosofo-adela-cortina-5921675.html>. Acesso em 03 dez. 2019.

islamofóbico e anti-imigração, em países como França, Áustria, Hungria, Holanda e Alemanha. Na raiz desse contexto está uma patologia social: a aporofobia.(GARCÍA-GRANERO,2017.)¹⁹

A filósofa espanhola chama a atenção para as diferenças de tratamento que os migrantes e os refugiados políticos recebem em comparação aos turistas. O turista é recebido com alegria, provavelmente porque o turismo, principal fonte de renda da Espanha, é carregado de promessas de recuperação econômica. Se por xenofobia entendemos o medo e a rejeição a estrangeiros, fica claro que, com relação aos turistas - que não produzem medo e aversão, mas muito pelo contrário - seria mais correto falar sobre xenofilia,²⁰ amor e amizade em relação a esse tipo de estrangeiro. Por outro lado, refugiados políticos e migrantes pobres, fugindo da guerra, fome e miséria, são outro tipo de estrangeiros. Eles não são recebidos com uma atitude hospitaleira, e sim com hostilidade, logo são vítimas de aporofobia.

Segundo Adela (2016) nosso cérebro é aporofóbico; existem bases na natureza humana para a aporofobia. Os seres humanos nasceram em um relacionamento e sobreviveram por sua solidariedade com os próximos e por sua defesa contra estrangeiros. Gradualmente, eles estavam praticando cooperação e troca com aqueles de quem poderiam obter algo em troca, formando o "nós" de benefício mútuo, que exclui aqueles que não parecem capazes de trazer vantagens no jogo de troca. Dessa forma, a raiz biológica da aporofobia reside em tendências avaliativas, como interesse próprio, orientação de controle, dissociação, simpatia seletiva e xenofobia. São tendências biológicas que, favorecendo a autopreservação, nos induzem a evitar estranhos e a rejeitar o que parece não contribuir com nada

A filósofa Cortina descreve a pobreza como uma aversão. “É o pobre, que incomoda, mesmo o da própria família, porque o parente pobre é vivido como uma vergonha que não deve ser exibida, enquanto é um prazer mostrar o parente bem-sucedido, bem colocado no mundo político e acadêmico, artístico ou comercial. É a fobia dos pobres que leva à rejeição de pessoas, raças e grupos étnicos que geralmente não têm recursos e, portanto, não podem oferecer nada ou parecem incapazes de fazê-lo”. (CORTINA,2017. Pag.12)

¹⁹Disponível:<https://www.academia.edu/35182563/Rese%C3%B1a_de_Adela_Cortina_Aporofobia_el_rechazo_al_pobre._Un_desaf%C3%ADo_para_la_democracia_> 2017.

²⁰ Simpatia acentuada por estrangeiros ou pela cultura estrangeira.

O conhecimento das bases cerebrais não deve se traduzir em uma legitimidade da aporofobia, pois não é legítimo passar do "dever" cerebral para o "dever" moral. Felizmente, o cérebro é extremamente plástico, o que permite a abertura para o outro a partir do reconhecimento compassivo que lança as bases de uma sociedade inclusiva. Existem maneiras pelas quais cada pessoa pode erradicar essa atitude incompatível com a humanidade mais elementar. Levando em conta que o progresso moral não é herdado, mas que cada um de nós precisa fazer seu aprendizado vital para superar as predisposições de seu cérebro aporofóbico, é essencial garantir e manter a construção da igualdade na educação e nas instituições, por meio de uma cultura moral e política baseada no respeito pela igual dignidade das pessoas e no reconhecimento cordial dessa dignidade. Como podemos ver, a aporofobia é tão antiga quanto a humanidade, mas nas sociedades de hoje com uma economia ligada ao neoliberalismo, esse conceito se tornou mais evidente. A situação das pessoas pobres é particularmente deteriorada, a rejeição que sofrem dos que tiveram mais oportunidades é algo desumano e cruel.

Contra essa tendência, as medidas do Estado de Bem-Estar Social dos anos sessenta e setenta do século XX, reconfiguradas como Estado social de justiça: aumento de salários, melhoria dos sistemas de ensino, controle dos mercados financeiros, etc. Todas essas medidas se tornam deveres da comunidade política, para ajudar a sair da armadilha da pobreza corresponde ao direito das pessoas de viver uma vida em liberdade. (GARCÍA-GRANERO,2017.)

Adela Cortina tem uma vasta obra em relação ao estudo da ética, os livros *¿Pra qué sirve realmente la ética?* (2013), *La ética* (2013), *Las raíces éticas de la democracia* (2010), e a *Ética* (2005) são um dos exemplos que o estudo na área da ética é gigantesco e necessário na atualidade.

No decorrer deste trabalho, os casos de aporofobia no Brasil e em outros países tem a função específica de demonstrar como é cruel e antiético o tratamento com os áporos dentro do sistema capitalista e da cultura neoliberal existente, bem como suas mazelas e prejuízos para a sociedade em sua totalidade e, principalmente, para as pessoas consideradas excluídas pelo sistema.

1.1 CASOS DE APOROFOBIA NA EUROPA

Um caminhão frigorífico abandonado à margem de um auto estrada na província de Burgenland, no extremo leste do país, chamou a atenção de agentes. No compartimento de carga, foram encontrados 71 corpos em avançado estado de decomposição, incluindo os de quatro crianças (GAUCHAZH, 2015)²¹ Esse episódio chamou atenção para a questão migratória na Europa. Percebe-se que aporofobia destrói sonhos, separa histórias e desumaniza as pessoas. É um ataque à vida.

Neste sentido, a "questão migratória", para Merkel é vista como a "pior crise de refugiados desde a II Guerra Mundial". Já segundo Dimitris Avramopoulos, chefe da União Europeia para Migração, é um "ataque à vida", Nas palavras do Papa Francisco é uma tragédia de proporções históricas que está batendo à porta da Europa. Assim, segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), pelo menos 300 mil pessoas chegaram este ano (2015) à Europa pelo Mediterrâneo. A maioria parte da Líbia, vinda de países como Síria, Afeganistão, Paquistão e nações da África subsaariana (GAUCHAZH, 2015).

Desta forma, a migração tornou-se uma questão de segurança na Europa. A causa da pressão migratória são as desigualdades regionais. As pessoas estão buscando uma vida melhor. Desde a década de 1990, porém, todo o enfoque das políticas migratórias foi deslocado para os aparatos de segurança. Com o fim da Guerra Fria, as instituições policiais daquela época se aproximaram do campo migratório para continuar a funcionar - afirma Guilherme Mansur Dias, doutor em Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (GAUCHAZH, 2015).

Ainda de acordo com o jornal Gauchazh:

Enquanto a chanceler alemã invoca o "espírito europeu" e lembra que examina neste momento 800 mil pedidos de refúgio e asilo, em outros países do bloco as respostas são mais cruas. A Hungria está construindo uma cerca (muro) de 175 quilômetros na fronteira com a Sérvia. Budapeste afirmou ter recebido um número recorde de migrantes em um só dia: 3.241, sendo 700 menores. O primeiro-ministro húngaro, Viktor Orban, diz que o país é um baluarte europeu contra a invasão de pessoas de "diferentes raízes civilizacionais". Na Eslováquia, o governo afirma que aceitará apenas refugiados cristãos. Grande exportadora de seres humanos ao longo da história, a Europa está espremida entre a massa de refugiados e as tendências atávicas de seus próprios cidadãos. Segundo reportagem da mais recente edição da revista britânica *The Economist*, "alguns olham para as banlieues (subúrbio de uma

²¹ Disponível em: Fonte <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/08/por-que-a-europa-so-consegue-lidar-com-a-tragedia-das-ondas-migratorias-como-problema-de-seguranca-4835671.html>. Acesso em 03 dez. 2019.

cidade grande) francesas varridas pelo crime ou para cidades suecas segregadas como Malmö e veem um futuro que desejam evitar"(GAUCHAZR, 2015)²²

Como em todo debate às diferentes interpretações chegam ao plano discursivo. O primeiro-ministro britânico referiu-se a um "exame de migrantes", e a oposição trabalhista advertiu-o de que "fala de seres humanos, não de insetos". Afinado à tradição gastronômica de seu país, o ex-presidente francês Nicolas Sarkozy comparou em junho a onda migratória a "uma canalização que explode e transborda para a cozinha". Já o ministro da Defesa Civil da Grécia, Yannis Panoussis, referiu-se à crise como "bomba de retardo" (GAUCHAZH, 2015).

A busca por equidade no tratamento de imigrantes de diferentes condições financeiras deve ser universalizada. A valorização da vida indefere do poder aquisitivo, da língua, origem, cor ou religião da mesma. O ser humano merece respeito pelo simples fato de ser e existir.

A disputa está até mesmo na opção pelos termos "migrantes", tido como positivo, ou "refugiados", com conotações dolorosas num continente que conviveu com 60 milhões de deslocados ao final da II Guerra. O Acnur sugere o uso de ambos os termos, considerando que "deve ser feita uma distinção entre as pessoas que fogem de guerras e perseguição, os refugiados, e aqueles que procuram trabalho ou uma vida melhor, os migrantes"(GAUCHAZH, 2015).

No Jornal El Pais são destacados outros casos:

Há pouco tempo, três jovens entraram no terminal de caixa eletrônico onde durmo, na Gran Vía, e roubaram uma sacola com minhas coisas. Outro dia, bêbados vieram tirar dinheiro e me chutaram enquanto riam. Em outras ocasiões são insultos: ‘Olhe pra você, sujo de merda.’”. Raúl²³, argentino de 53 anos, relata com voz pausada o desprezo e as agressões que sofreu por dormir na rua. Sua história, comum a várias pessoas que pernoitam na *Plaza Mayor*²⁴ de Madri, deixa claro que o recente caso de Benidorm — um grupo de ingleses pagou 100 euros (430 reais) a um mendigo para que tatuasse seu nome na testa — está longe de ser uma exceção (2018)²⁵

Segundo a Fundação Rais, entidade que luta contra a exclusão social na Espanha, uma em cada três pessoas nessa situação foi insultada ou recebeu tratamento vexatório, e esse tipo de notícia cada vez assume maior relevância (EL PAIS, 2018). A desigualdade social é o

²² Disponível em: Fonte <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/08/por-que-a-europa-so-consegue-lidar-com-a-tragedia-das-ondas-migratorias-como-problema-de-seguranca-4835671.html>. Acesso em 03 dez. 2019.

²³ Sujeito em situação de rua.

²⁴ "Praça Maior" situa-se no centro da cidade de Madrid.

²⁵ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/04/internacional/1533407246_853089.html. Acesso em 10 dez. 2019.

motor para tanto preconceito e ódio em relação aos pobres em situação de rua, as atitudes preconceituosas são de variadas formas como piadas, insultos e agressões físicas. A condição de ser humano é desvalorizada de uma forma cruel e rebaixada a nível zero de humanidade, ressaltando que aporofobia mata.

Conforme o Instituto Nacional de Estatística, há 23.000 moradores de rua na Espanha. A Fundação Rais eleva essa cifra a 31.000, pois inclui os que nunca comparecem aos centros assistenciais. Todos eles são submetidos a um ódio intangível, mas muito real. “Dormir e viver na rua têm um componente de violência estrutural que é agravado pela violência direta da qual são objeto”. Em 2016, a ONG apresentou um relatório sobre esse coletivo com conclusões aterradoras: quase metade dos sem-teto sofreu algum incidente ou crime relacionado com a aporofobia, em 80% dos casos mais de uma vez. E um em cada cinco foi agredido (EL PAIS, 2018).

O Ministério do Interior espanhol inclui a aporofobia como um dos crimes de ódio: em 2016, registrou 10 denúncias por essa causa; em 2017, foram 11. “Quando um morador (em situação) de rua é agredido, não tem um espaço seguro onde ir. O agressor pode voltar e matá-lo. Por isso, a agressão não costuma ser denunciada. Mas existem muitos casos além dos contabilizados pelo Ministério do Interior. Basta ler as notícias da imprensa”, diz a porta-voz da Rais. “Além disso, também é ‘aporofobia’ que um sem-teto entre num bar e não seja atendido por ser pobre, ou que não o deixem usar o banheiro” (EL PAIS, 2018).

As pessoas que são vítimas de aporofobia são privadas de acessos básicos como o direito de ir e vir em espaços públicos, atendimento precário de saúde, pouco acesso a segurança e zero acesso a cultura e lazer. Vale apenas ressaltar que a culpa nunca é da vítima seja ela de aporofobia, racismo, xenofobia, violência sexual e sim do seu agressor.

A violência continua, “A Procuradoria-Geral, em seu relatório anual de 2015, já indicava a necessidade de incluir a ‘aporofobia’ como agravante. Acreditamos que, com esse projeto, resolvemos uma omissão intolerável”, explica Comorera²⁶. De fato, em 2005 dois jovens queimaram viva uma mulher que dormia num terminal de caixa eletrônico em Barcelona e não foi possível aplicar nenhum agravante (EL PAIS, 2018).

A vulnerabilidade das pessoas em situação de rua é algo muito preocupante, o fato de não ter um teto e uma cama para dormir e descansar de um dia longo de trabalho ou na procura dele é inaceitável, um país rico considerado de primeiro mundo, deixando os seus

²⁶ Senador espanhol (2016-2019).

cidadãos à mercê da própria sorte. O enfrentamento a essa realidade é um caso de saúde pública, defesa dos direitos humanos e combate a aporofobia.

Enquanto isso, a condição de morador de rua continua penalizando seres humanos pelo fato de serem pobres. Neste sentido, Jesús Sandín, responsável pelo programa de pessoas sem teto da ONG espanhola *Solidarios para el Desarrollo*, declara: “As pessoas que em situação de pobreza sofrem uma violência contínua que afeta a autoestima, a motivação e a maneira de estar no mundo”, afirma. Por isso, há 22 anos a ONG “gera um espaço de encontro horizontal a partir da igualdade, criando um vínculo afetivo e rompendo a solidão dos que moram na rua”. A iniciativa mobiliza 150 voluntários todo ano. “Não são vagabundos. Não são diferentes. A única coisa diferente é sua circunstância, e nós queremos mudar a maneira como a sociedade os vê”, diz Sandín (EL PAIS, 2018).

A aversão aos pobres está presente no mundo todo, a Espanha, um país considerado de Primeiro Mundo segundo o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, convive com muitos casos de aporofobia. É notório que o problema da aversão aos pobres é algo real e precisa ser combatido.

A pobreza é uma bomba relógio não só europeia, logo, afeta a economia mundial, falta de empregos e a concentração de rendas são fatores que colocam em risco qualquer economia, com isso o Estado precisa agir de forma eficiente para combater nesse problema.

1.2 CASOS DE APOROFOBIA NO ESTADOS UNIDOS “MURO MEXICANO”.

Na América o cenário não tão diferente em relação aos pobres e imigrantes da Europa, o famoso Muro do México é um grande exemplo desse fenômeno da aporofobia.

O Muro do México é alvo de muitas críticas em todo o mundo e possui o objetivo de barrar ou conter a entrada de imigrantes ilegais do território mexicano em direção aos Estados Unidos. A fronteira que separa o México dos Estados Unidos é conhecida pela grande presença de grupos migratórios ilegais – a maioria formada por mexicanos –, que se deslocam em direção ao norte em busca de melhores condições de vida. Por esse motivo, os EUA resolveram construir, a partir de 1994, um muro entre os dois países e dificultar o processo de entrada de imigrantes oriundos do Sul no país²⁷. A obra relacionada ao muro mexicano é “tampar o sol com a peneira”, não resolve o problema da pobreza e da desigualdade social e da aporofobia, muito pelo contrário só intensifica essas mazelas existente na atualidade. A sua

²⁷ Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/muro-mexico.htm>. Acesso em: 13 dez. 2019.

eficiência é questionável, precisamos construir mais pontes de acesso do que muros que separam.

A construção do muro na divisa entre o México e os Estados Unidos representa, em termos, uma contradição. Isso porque o início de sua construção ocorreu no mesmo ano da consolidação do NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), um bloco econômico que, apesar de ser meramente comercial, teria a função de propiciar uma maior integração entre os países-membros que, além dos dois países citados, também engloba o Canadá ao norte (sem muros, nesse último caso)²⁸.

Atualmente a extensão do muro entre México e Estados Unidos é de aproximadamente 1.130 quilômetros, cerca de um terço da fronteira entre os países. Em alguns pontos, ele é uma “parede” simples, de altura não muito elevada e com algumas proteções em seu topo. Em outros lugares, no entanto, ele é composto por dois muros e um espaço entre eles por onde passam veículos militares e de fiscalização, além de contarem também com algumas torres de observação e militares preparados para quem sabe, abater os eventuais invasores²⁹.

Sabe-se que na intenção de melhores oportunidades, milhares de pessoas abandonam sua cidade natal para entrar no território americano de forma ilegal, arriscando suas vidas pelo sonho de uma vida melhor, uma travessia muitas vezes mortal, um caminho sem volta. Muitas críticas são realizadas ao muro do México, que é inevitavelmente comparado com outros muros que dividem ou dividiram o mundo, como o muro de Israel e o antigo muro de Berlim. Muitas análises afirmam que ele divide muito mais do que dois países, mas dois “mundos” diferentes: um moderno e desenvolvido (mas com problemas na geração de empregos) e outro atrasado e subdesenvolvido, apesar das melhorias econômicas e sociais das últimas décadas³⁰.

Entende-se que muro é uma ferramenta de segregação de grande impacto, ele impõe divisões físicas e sociais, fortalece as separações e diferenças de forma notória, facilitando o individualismo e o preconceito com o outro que está do outro lado do muro. Não precisamos de muros que separam, precisamos de políticas públicas de acesso que aproximam as pessoas. Outra crítica apontada sobre a construção desse muro é o caráter dual por parte do governo dos Estados Unidos, que sempre barrou a entrada da população mexicana, mas que não se deteve em enviar para o país, sobretudo nas regiões de fronteira, várias empresas e indústrias multinacionais, que empregam a população local sob baixos salários e condições precárias de trabalho. Nesse contexto, várias cidades surgiram nessas regiões, marcadas pela urbanização

²⁸ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/muro-mexico.htm>. Acesso em: 13 dez. 2019.

²⁹ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/muro-mexico.htm>. Acesso em: 13 dez. 2019.

³⁰ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/muro-mexico.htm>. Acesso em: 13 dez. 2019.

acelerada, a marginalização social, o intenso tráfico de drogas e todas as contradições sociais de lugares marcados pela concentração de renda e o desvio de interesses. Entre essas cidades, os exemplos mais evidentes são Tijuana e Juarez³¹.

Podemos analisar, também, que a postura política do governo americano é tirar vantagens econômica com a construção do muro, levando as empresas para essa região para ter acesso a mão de obra barata, com isso obtendo lucros altíssimos. A cultura neoliberal tem essa função, obter lucros altíssimos com investimentos baixos e precarização do trabalho.

O muro separa cidades e aglomerações urbanas historicamente construídas naquela região. Há vários relatos de famílias e parentes que se viram divididos pelo muro, sem poderem obter contatos constantes após a sua construção. Embora tais críticas aconteçam desde o início da construção do Muro do México, o governo norte-americano jamais cedeu a qualquer tipo de pressão. Após os atentados de 11 de setembro de 2001, inclusive, o então presidente George W. Bush intensificou a fiscalização do muro e da fronteira, fato continuado por seu sucessor, Barack Obama e hoje como o atual presidente Donald Trump do Partido dos Republicanos, uma das principais promessas de campanha foi a construção de mais de 3.000 km de muro na fronteira com o México³².

1.3 OS MUROS VÃO ALÉM DE DIVIDIR

A globalização aboliu muitas fronteiras para mercadorias, mas para os humanos as preocupações de segurança e desejos de travar a imigração ilegal fazem erguer muros em todo o mundo. Durante a queda do Muro de Berlim em 1989, havia 16 muros defendendo as fronteiras do mundo. Hoje esse número aumentou para 65, concluídos ou prestes a ser finalizados³³. Por exemplo, o muro de separação israelense (o "muro do apartheid" para os palestinos); a cerca de arame farpado de 4.000 km que a Índia construiu em sua fronteira com Bangladesh; o enorme dique de areia que separa o Marrocos das regiões controladas no Saara pela rebelião da Frente Polisário³⁴: os muros e barreiras são uma "inovação" cada vez mais

³¹ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/muro-mexico.htm>. Acesso em: 13 dez. 2019.

³² Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/muro-mexico.htm>. Acesso em: 13 dez. 2019.

³³ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2015/08/21/interna_internacional,680649/amp.html. Acesso em: 13 dez. 2019

³⁴ Movimento político-revolucionário em favor da autonomia do território do Saara Ocidental e pela autodeterminação do povo Saaraui.

comuns pelos políticos ansiosos para conter as questões de migração e segurança³⁵. O muro torna-se um paradoxo estendido entre a globalização (território ampliado nas relações comerciais) e a fronteira física/geográfica entre os países.

O governo conservador húngaro, por exemplo, começou a construir uma cerca de quatro metros de altura ao longo de sua fronteira com a Sérvia, em uma tentativa de impedir o fluxo de refugiados da Síria, Iraque e Afeganistão. "Acabamos de derrubar recentemente os muros na Europa", comentou um porta-voz da União Europeia, "não devemos construir novos"³⁶. Embora sejam símbolos agressivos, sua eficácia é relativa, segundo os especialistas. "A única coisa que todos esses muros têm em comum é que fazem parte de um cenário", diz Marcello Di Cintio³⁷, autor do livro: "*Walls: Travels Along the Barricades*" (Muros, viagem ao longo das barricadas, em tradução livre)³⁸. "Eles fornecem uma ilusão de segurança, e não uma verdadeira segurança", assegura Cintio. Apesar destes obstáculos, os migrantes acabam por conseguir atravessá-los. A cocaína nunca faltou nas mesas de Manhattan (Nova Iorque) nem os cigarros contrabandeados em Montmartre (Paris). E, apesar das sentinelas que atiravam, mesmo o Muro de Berlim nunca foi selado³⁹.

Em tempos de globalização e livre comércio os muros são uma contradição em relação aos parâmetros de liberdade na atualidade. Entende-se que na antiguidade cumpriram sua função social que era proteger dos inimigos e guardar seus bens. Hoje eles deveriam ser apenas um local para fazer turismo e conhecer a história local.

Os defensores dos muros acreditam que vazamentos são melhores do que inundações, mas para Marcello Di Cintio o impacto psicológico da construção de tais barreiras não pode ser ignorado. Ele cita o exemplo da tribo de indígenas americanos de Tohono O'odham, alguns dos quais morreram, aparentemente de saudade, quando o muro separando o México dos Estados Unidos cortou alguns de seus locais sagrados. Sua história corrobora o que o psicólogo alemão Dietfried Muller-Hegemann nomeou nos anos 70 "da doença do muro", com altas taxas de depressão, alcoolismo e violência doméstica entre aqueles que viviam nas

³⁵ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2015/08/21/interna_internacional,680649/amp.html. Acesso em 30 jan. 2020.

³⁶ Disponível em:

<https://exame.abril.com.br/mundo/desejo-de-criar-muros-para-barrar-imigrantes-cresce-no-mundo/>. Acesso em 17 fev. 2020

³⁷ Escritor canadense, nascido em Calgary, Canadá.

³⁸ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2015/08/21/interna_internacional,680649/amp.html. Acesso em 30 jan. 2020.

³⁹ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2015/08/21/interna_internacional,680649/amp.html. Acesso em 30 jan. 2020.

sombras do muro que separava a cidade de Berlim⁴⁰. O muro não somente divide fronteiras, mas sonhos: saúde, emprego, educação, lazer e segurança, entre outros.

1.4 POBRES, OS MAIS ATINGIDOS

Na realidade, os muros não mudam as causas profundas da insegurança ou de imigração: as construções de todas essas barricadas não tiveram impacto algum sobre o aumento dos pedidos de asilo ou ataques terroristas. Eles simplesmente levaram os grupos a se adaptar, logo os muros só são eficazes contra os mais pobres⁴¹. O muro é uma construção social moderna de carácter distinto para as classes sociais, a construção de pedra que protege e passa a ideia de segurança as classes altas de um país e a mesma que tem a função de separar e matar as classes baixas, o muro para o pobre é um obstáculo seja na fronteira ou na favela, logo os problemas não se resolvem com os muros.

O fechamento das fronteiras apenas desloca o problema, conduzindo os migrantes por meio de terríveis desertos ou embarcações precárias no Mediterrâneo. Isso só aumenta o número de vítimas. Mais de 40.000 pessoas morreram desde 2000 na tentativa de emigrar, estimou no ano passado (2014) a Organização Internacional para as Migrações (OIM). Para Emmanuel Brunet-Jailly, da universidade canadense de Victoria, "as ondas de migrantes atuais fazem com que os muros sejam provavelmente necessários para os políticos. Eles se referem aos velhos mitos da fronteira, a linha desenhada na areia. "É mais difícil aceitar a ideia de que a cooperação diplomática e partilha de informação é muito mais eficaz a longo prazo"⁴². O muro é mais do que simplesmente tijolos e arames. É um obstáculo inserido de forma pragmática para os mais pobres. Transpor o muro é chegar até "terra prometida".

1.5 CASOS DE APOROFOBIA NO BRASIL

⁴⁰ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2015/08/21/interna_internacional,680649/amp.html. Acesso em 30 jan. 2020.

⁴¹ Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2015/08/21/interna_internacional,680649/amp.html. Acesso em 30 jan. 2020.

⁴² Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2015/08/21/interna_internacional,680649/amp.html. Acesso em 30 jan. 2020.

O Brasil é a oitava maior economia do mundo, segundo o Fundo Monetário Internacional, e também sofre com casos de aporofobia em nosso território. Um país marcado pela imigração na colonização portuguesa e espanhola no primeiro momento e alemães, holandeses, poloneses no segundo momento. Mesmo com o histórico de imigração na sua “origem” vários casos de aporofobia contra os imigrantes são registrados em nosso país, ainda que não sejam o único grupo atingido.

Os meios de comunicação são uma ferramenta de informação para a população no geral, tendo como finalidade informar e também sensibilizar as pessoas. Dois textos de colaboradoras do jornal carioca O Globo, chamaram bastante a atenção dos leitores, não exatamente pela qualidade do conteúdo em si, mas pelo grau de preconceito destilado em suas palavras. Em um deles, a colunista Hildegard Angel⁴³ defendeu a segregação como medida para conter os arrastões em praias do Rio de Janeiro. Entre as sugestões destinadas ao governo, surgiram ideias brilhantes como “diminuir drasticamente a circulação das linhas de ônibus e de metrô no fluxo Zona Norte-Zona Sul” e até mesmo “cobrar entrada nas praias de Leme, Copacabana, Ipanema, Leblon”. A colunista afirma, impedir o acesso da população pobre às áreas mais prestigiadas da cidade é uma maneira eficiente de “reprimir as hordas e hordas de jovens assaltantes e arruaceiros”. “As medidas são antipáticas e discriminatórias, concordo. Mas ou é isso ou será o caos”, finalizou. Aparentemente arrependida de suas declarações, Hildegard retirou o texto do ar após receber críticas⁴⁴.

O segundo exemplo segue a mesma linha do discurso de ódio pelos pobres, em seu blog, a jornalista Silvia Pilz descreve o comportamento dos mais pobres em consultórios médicos. Em tom de deboche, ela afirma que essas pessoas costumam inventar doenças e fazem drama para faltar ao trabalho. “Acho que não conheço nenhuma empregada doméstica que esteja sempre com atacada da ciática [leia-se nervo ciático inflamado]. Ah! Eles também têm colesterol [leia-se colesterol alto] e alegam ‘estar com o sistema nervoso’ quando o médico se atreve a dizer que o problema pode ser emocional”, escreveu. A colunista ridiculariza, ainda, a procura por mais informações na área da saúde, dizendo que, ao assistir a um programa da Rede Globo sobre o assunto, “o caso normalmente é a dúvida de algum pobre”. “Coisas do tipo ‘tenho cisto no ovário e quero saber se posso engravidar’. Porque a grande preocupação do pobre é procriar”, complementa⁴⁵.

⁴³ Hildegard Beatriz Angel Bogossian é uma jornalista brasileira, nascida no Rio de Janeiro, Brasil.

⁴⁴ Disponível: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/01/quem-tem-medo-eou-nojo-de-pobres.html>>. Acesso em 03 de jan. 2020

⁴⁵ Disponível: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/01/quem-tem-medo-eou-nojo-de-pobres.html>>. Acesso em 03 de jan. 2020

A jornalista enfatiza que, com a democratização dos planos de saúde, fazer exames se tornou um programa divertido para os pobres, que se arrumam especialmente para a ocasião, chegam cedo e, admirados com o ar-condicionado e o piso de porcelanato dos laboratórios, aguardam ansiosamente pelo lanche oferecido após os exames. No Brasil o acesso à saúde está longe de ser um exemplo de qualidade e praticidade, o acesso a planos de saúde particulares não é universal e não funciona plenamente e sim, um privilégio de poucos. A realidade da população de baixa renda ainda é, em boa parte, a fila do hospital público, a superlotação, a falta de médicos e a dificuldade na marcação de consultas⁴⁶.

Outra afirmação polêmica sobre o assunto foi da colunista Danuza Leão, que há alguns anos escreveu na Folha de S. Paulo que ir à Nova Iorque não tinha mais graça, já que eram grandes as chances de encontrar o seu porteiro por lá. Exemplos assim são clássicos de que o que incomoda a elite não é a perda de direitos, mas de privilégios. Imagine que absurdo o filho do motorista estudar na mesma faculdade que o seu, ou encontrar a manicure fazendo compras naquela que era a sua loja preferida. Ainda mais ultrajante deve ser ver a empregada jantando filé mignon e dizendo a você que, de uma vez por todas, a escravidão acabou. Haja Lexotan (ansiolítico) para acalmar os ânimos dessa gente, tão afeita a mandar e desmandar sozinha em seus feudos imaginários⁴⁷.

O Ministro da Economia Paulo Guedes (2020) afirmou, recentemente, “Todo mundo indo para Dineylândia. Empregada doméstica indo para Dineylândia. Uma festa danada. Peraí. Vai passear ali em Foz de Iguaçu, vai passear ali no Nordeste, cheio de praia bonita”. O contexto desta fala é baseado da taxa de câmbio baixa, quando o valor do dólar estava na casa dos R\$ 1,80 o que estaria desincentivando até mesmo o turismo interno. O ministro em outro momento usa uma fala preconceituosa que comparou a categoria dos servidores públicos a “parasitas”.

O analista político José Lopez Feijóo lembra que há o olhar para as pessoas de baixa renda como concorrentes. “Tem o olhar de quem acha que a presença deles vai tirar alguma coisa”, lembra, ao citar que os ricos sempre são bem recebidos em qualquer lugar, independentemente da sua nacionalidade ou etnia⁴⁸.

Dentro do contexto brasileiro, Feijóo afirma que a fobia aos pobres veio da manipulação da opinião pública para atender os interesses do alto escalão da sociedade. “Foi

⁴⁶ Disponível: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/01/quem-tem-medo-eou-nojo-de-pobres.html>>. Acesso em 03 de jan. 2020

⁴⁷ Disponível: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/01/quem-tem-medo-eou-nojo-de-pobres.html>>. Acesso em 03 de jan. 2020

⁴⁸ Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/07/aporofobia-a-aversao-aos-pobres-define-o-brasil-pos-golpe-diz-feijoo/>. Acesso em 30 jan. 2020.

para uma parcela da população que não aguentava mais as políticas de inclusão social, além de pessoas de todas as faixas sociais frequentando os mesmos supermercados, shoppings e aeroportos. Eles não sabem que quanto maior a inclusão social, mais a economia gira”⁴⁹. Estamos no período que o óbvio precisa ser explicado, quanto mais inclusão social, quanto mais emprego, quanto mais educação, quanto mais oportunidade para a população melhor para a economia.

Outros exemplos, que se pode destacar são as redes sociais. Elas também são uma ferramenta de acesso à informação de grande escala, uma postagem na página no Facebook do Leonardo Sakamoto⁵⁰ sobre os imigrantes retrata a aporofobia praticada por alguns brasileiros nas redes sociais. “Esses malditos só vieram para roubar o pouco de emprego que nós temos!”, “Concordo plenamente, esses malditos Haitianos que estão vindo para o Brasil, deveríamos fazer eles voltar para suas terras nadando”⁵¹. O texto em que estavam presentes esses comentários era sobre o naufrágio e morte de milhares de africanos que tentam cruzar o Mar Mediterrâneo em direção à Europa.

Uma pequena parcela da população constrói um discurso de ódio afirmando que imigrantes em geral, ou haitianos, especificamente, são um “peso” para a sociedade brasileira, ou que sua presença é um dos motivos que levam à sobrecarga dos sistemas de atendimento de saúde, educação e assistência social e trabalhista

Os haitianos, por exemplo, vêm buscar oportunidades de vida que não são encontradas em seu país, abalado pelo terremoto de 2010, que matou mais de 300 mil pessoas, pondo abaixo suas, já frágeis, economia e instituições. Neste sentido, o Brasil coordena, há anos, uma “força de paz” no Haiti com o objetivo de ajudar a garantir a ordem e a reconstruir o país. O Brasil sempre disse que o Haiti deveria vê-lo como um grande irmão do Sul. Nada mais justo, que, no momento de necessidade, passem um tempo na casa desse irmão. Ou, se estabelecerem por aqui.⁵²

A oportunidade de trabalho no Brasil, torna-se um dos principais atrativos para os imigrantes, atendendo a um chamado por mão de obra – assim como ocorre com os bolivianos e outros latino-americanos, africanos e asiáticos. O fluxo migratório responde à demanda por

⁴⁹ Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/07/aporofobia-a-aversao-aos-pobres-define-o-brasil-pos-golpe-diz-feijoo/>. Acesso em 30 jan. 2020.

⁵⁰ Leonardo Moretti Sakamoto é um jornalista brasileiro nascido em São Paulo, Brasil. Além da graduação em jornalismo, possui mestrado e doutorado em ciência política pela USP.

⁵¹ Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/05/cure-se-do-preconceito-contra-imigrantes-negros-e-pobres.html>. Acesso em 03 de jan. de 2020.

⁵² Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/05/cure-se-do-preconceito-contra-imigrantes-negros-e-pobres.html>. Acesso em 03 de jan. de 2020.

força de trabalho no Brasil. Temos acompanhado que as políticas do governo federal, infelizmente, não ajudam no cenário da imigração para um suporte de promoção e fiscalização do trabalho. Com a recente reforma trabalhista o aumento de trabalho informal (sem carteira assinada) e o contrato em regime intermitente deixam o mercado de trabalho e as condições de trabalho cada dia mais precárias.⁵³

Afinal, qual o conceito de “brasileiro”? A história de nosso país é uma história de migrações, de acolher gente de todos os cantos do mundo. Não podemos esquecer que a maioria de nossos antepassados foi explorada? quando aqui chegou. Nossos avós eram os forasteiros que sofriam nas mãos dos estabelecidos. Hoje, somos nós os estabelecidos que criticam os forasteiros. Com exceção, é claro, dos descendentes de indígenas, que sofreram – e ainda sofrem – um processo lento de genocídio.⁵⁴

O preconceito, os estereótipos e a discriminação em relação aos pobres infelizmente é uma realidade mundial que precisa ser combatida com extrema urgência pois é uma bomba relógio que está prestes a estourar e vai gerar (e já está gerando) grandes estragos na sociedade. Em todos os cenários de falar preconceituosas com relação aos pobres tem o mesmo tom seja no Brasil ou nos países considerados de primeiro mundo, exemplo de frases como: “São pobres porque querem o governo dá assistência, são pobres porque são vagabundos, pois emprego têm para quem quer trabalhar, são pobres porque não se dedicam, escola para estudar todos têm”, são frases comum do cotidiano onde a generalização e a banalização da pobreza é absurda e cruel. Os pobres precisam de oportunidade e não de aversão, somente com oportunidade essa situação vai melhorar, os pobres buscam a vida e não morte, são seres humanos é tem o direito a dignidade e equidade.

⁵³ Disponível:<<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/05/cure-se-do-preconceito-contra-imigrantes-negros-e-pobres.html>>. Acesso em 03 de jan. de 2020.

⁵⁴ Disponível:<<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/05/cure-se-do-preconceito-contra-imigrantes-negros-e-pobres.html>>. Acesso em 03 de jan. de 2020.

2 CAPÍTULO

2.1 JESSÉ SOUZA, DIPLOMATIQUE

Em seu livro intitulado *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato* (2017), Jessé de Sousa⁵⁵ busca enfrentar o desafio de formular uma gênese histórica alternativa à narrativa hoje dominante, seja na direita, seja na esquerda do espectro político, da sociedade brasileira contemporânea. A sua tese é a de que o liberalismo conservador é a narrativa oficial do Brasil moderno, inclusive para a esquerda colonizada intelectualmente pela direita. Os pais fundadores dessa leitura são Sérgio Buarque e Raymundo Faoro. A partir desses autores como referência universitária para a formação de todas as elites e, como consequência dessa consagração, também de tudo que a grande imprensa diz sobre o país, passa a existir um grande consenso inarticulado e pré-reflexivo que contamina praticamente tudo que se formule sobre o país no nível mais explícito dos argumentos⁵⁶.

Às supostas “heranças culturais” pensadas como “heranças de sangue” fiquem no lugar de uma análise científica dos conflitos sociais e da gênese da desigualdade social. A tese dominante do patrimonialismo, como leitura hegemônica sobre a sociedade brasileira, foi a responsável por tomar a corrupção política como aspecto central e a desigualdade social como questão secundária. É essa inversão absurda de perspectiva e de prioridade que o livro (*A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*) pretende corrigir⁵⁷.

2.2 PATRIMONIALISMO DOMINANTE

Essa tese do patrimonialismo ocupa o lugar da centralidade da escravidão e representa uma estratégia de tornar invisível a própria herança desta. Como se constrói, no século XX, uma sociedade que reproduz todas as iniquidades do ódio, humilhação e desprezo contra os mais frágeis que caracterizam a escravidão?⁵⁸ A escravidão moderna é baseada nesses

⁵⁵ Jessé José Freire de Souza é graduado em direito pela Universidade de Brasília, possui mestrado em Sociologia também pela Universidade de Brasília, doutorado em Sociologia pela Karl Ruprecht Universität Heidelberg Alemanha e pós-doutorado em filosofia e psicanálise na New School for Social Research de Nova Iorque.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

⁵⁸ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

mesmos critérios, colocando o outro no patamar de inferior, incapaz e sem futuro. Esse discurso desumano fortalece a ideia que a pobreza é gerada pelos pobres, distorcendo os fatos reais de uma sociedade que não prega a igualdade de oportunidades para todos.

Um fato histórico importante é a perda do poder político para Getúlio Vargas⁵⁹ vai ser o ponto de inflexão dessa estratégia. Nesse momento, a elite econômica paulistana vai procurar se utilizar de seu “poder material” para construir as bases do seu “poder simbólico”. A ideia-guia foi construir uma hegemonia ideológica como forma tanto de reconquistar o poder político como de limitar o poder dos eventuais inimigos de classe alçados ao controle do Estado⁶⁰.

Quando Sérgio Buarque elegia o “patrimonialismo” das elites que habitam o Estado como o grande problema nacional, ele não estava dando vida, portanto, a nenhum sentimento novo. A “corrupção do Estado” era uma das bandeiras centrais do tenentismo. Poder-se-ia, por exemplo, perceber a corrupção do Estado como efeito da captura deste pela própria elite econômica que o usa para defender e aprofundar seus privilégios. Isso teria levado a uma conscientização coletiva dos desmandos de uma elite apenas interessada na perpetuação de seus privilégios⁶¹.

Não foi essa a interpretação que prevaleceu. A elite paulista, que havia perdido o poder político, ainda que mantido o econômico, agiu de modo astucioso, calculado e planejado. Percebeu claramente os sinais do novo tempo. A truculência do “voto de cabresto” estava com os dias contados. No lugar da “violência física” deveria entrar a “violência simbólica” como meio de garantir a sobrevivência e a longevidade dos proprietários e seus privilégios⁶². Elite paulistana descobre a “esfera pública” como uma possibilidade de manter o poder. Esse poder político e econômico sempre caminharam juntos na história da humanidade e da recente república brasileira.

2.3 A CONSTRUÇÃO DA ESFERA PÚBLICA

⁵⁹ Getúlio Dornelles Vargas nascido no Rio Grande do Sul, Brasil. Foi um advogado, militar e político brasileiro, sendo presidente do Brasil em dois períodos.

⁶⁰ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

⁶¹ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

⁶² Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

No contexto da elite paulistana a USP, a Universidade do estado de São Paulo, foi criada por essa mesma elite do poder político e pensada como a base simbólica. Toda a vida intelectual e letrada vai respirar os novos ares. Isso não significa obviamente dizer que a USP não tenha produzido coisa distinta do liberalismo conservador das elites. Florestan Fernandes⁶³, por exemplo, e sua atenção aos conflitos sociais realmente fundamentais provam o contrário. Existe uma tradição nesse sentido também por lá. Mas essa tendência é menos poderosa que a versão dominante, posto que sem a network com as editoras, as agências de financiamento, a grande imprensa e seus mecanismos de consagração; além de ela própria ter assimilado aspectos importantes da tradição conservadora elitista como a aceitação implícita ou explícita da tese do patrimonialismo⁶⁴.

Florestan (1964) escreveu sobre o mito da democracia racial do Brasil e desenvolveu uma pesquisa que desmentiu a tese sobre a inexistência de preconceito e discriminação. Como a desigualdade de acesso ao mercado de trabalho aos negros e mulatos, afeta de forma direta a democracia em nosso país.

Desde essa época o “liberalismo conservador”, baseado no falso moralismo da “higiene moral” da nação, vai ser a pedra de toque da arregimentação da classe média. Isso não significa dizer que o moralismo não tenha eco também nas outras classes. Em alguma medida esse discurso nos toca a todos. Mas na classe média ele está em “casa”. É que as classes sociais estão sempre disputando não apenas bens materiais e salários, mas também prestígio e reconhecimento, ou em uma palavra: legitimação do próprio comportamento e da própria vida⁶⁵.

As classes superiores, que monopolizam capital econômico e cultural, têm de justificar, portanto, seus privilégios. O capital econômico se legitima com o “empreendedorismo” de quem “dá emprego” e erguer impérios, e com o suposto bom gosto inato de seu estilo de vida, como se a posse do dinheiro fosse mero detalhe sem importância⁶⁶.

A legitimação dos privilégios da classe média é distinta. Como seu privilégio é invisível pela reprodução da socialização familiar que esconde seu trabalho prévio de “formar vencedores”, ela é a classe por excelência da meritocracia e da superioridade moral. Estas servem para distingui-la e para justificar seus privilégios em relação tanto aos pobres como

⁶³ Florestan Fernandes; sociólogo e político nascido em São Paulo, Brasil.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

⁶⁵ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

⁶⁶ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

aos ricos. É que, se os pobres são desprezados, os ricos são invejados. Existe uma ambiguidade nesse sentimento, em relação aos ricos, que vincula admiração e ressentimento⁶⁷.

2.4 MERITOCRACIA

A suposta superioridade moral da classe média dá à sua clientela tudo aquilo que ela mais deseja: o sentimento de representar o melhor da sociedade. Não só é a classe que “merece” o que tem por esforço próprio, conforto que a falsa ideia da meritocracia propicia, mas também a classe que tem algo que ninguém tem, nem os ricos, que é a certeza de sua “perfeição moral”⁶⁸.

O mito da meritocracia precisa ser combatido, pois ele serve somente para reproduzir as desigualdades sociais e raciais na sociedade brasileira. O mérito só é possível com oportunidades iguais, não podemos cobrar de um peixe que suba em uma árvore ou que uma tartaruga participe de uma maratona.

Como na imensa maioria dos casos não possui os meios para se envolver nas grandes negociatas que manipulam milhões, a classe média não tem sequer, na prática, o dilema moral de se deixar ou não corromper. Como justificção e legitimação da própria vida, o esquema moralista é, portanto, perfeito. Em relação aos poderosos, a classe média pode se ver sempre como “virgem imaculada” e moralmente perfeita⁶⁹.

A elite soube muito bem aproveitar as necessidades de justificção e de auto justificção dos setores médios. “Comprou” uma inteligência para formular uma “teoria liberal moralista” feita com precisão de alfaiate para as necessidades do público que queria arregimentar e controlar. Esse tipo de “compra” da elite intelectual pela elite do dinheiro não se dá apenas nem principalmente com dinheiro. São os “mecanismos de consagração” de um autor e de uma ideia seguindo, aparentemente, todas as regras específicas do campo científico⁷⁰.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

⁶⁸ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

⁶⁹ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

⁷⁰ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

Todo o discurso elitista e conservador do liberalismo brasileiro está contido em duas noções que foram desenvolvidas na USP – a universidade criada pela elite antiestatal paulistana – e depois ganharam o Brasil: as ideias de “patrimonialismo” e de “populismo”. Se o patrimonialismo torna invisível a base real do poder social ao estigmatizar o Estado e seus ocupantes sempre que as eleições ponham alguém não palatável pela elite da rapina econômica na disputa eleitoral, o populismo estigmatiza qualquer pretensão popular⁷¹.

O “patrimonialismo” é uma forma de organização entre o público e o privado que cria mecanismos de dominação para uma pequena parcela da população (donos dos modos de produção). Uma ferramenta de dominação de forma simbólica e invisível, porém com um poder de capacidade de controle eficaz nas relações sociais e comerciais, sendo considerados “Donos do Poder”.

A noção de “populismo”, atrelada a qualquer política de interesse dos mais pobres, serve para mitigar a importância da soberania popular como critério fundamental de qualquer sociedade democrática. Afinal, como os pobres, coitadinhos, não têm mesmo nenhuma consciência política, a soberania popular e sua validade podem ser sempre, em graus variados, postas em questão⁷²

O “populismo” ameaça o poder das elites e do conservadorismo. A ideia de popular para os conservadores é vista de forma pejorativa e sem valor. O povo precisa ser governado e não governar, segundo o pensamento conservador.

As noções de patrimonialismo e de populismo, distribuídas em pílulas pelo veneno midiático diariamente, são as ideias-guia que permitem à elite arregimentar a classe média como sua “tropa de choque” sempre que necessário. Elas, afinal, são as guardiãs da “distância social” em relação aos pobres, que é a pedra de toque da aliança antipopular construída no Brasil para preservar o privilégio, acesso aos capitais econômico e cultural, de 20% contra os 80% de excluídos em alguma medida significativa⁷³.

A desigualdade e o preconceito são alimentados pela classe alta com intuito de fortalecer o “distanciamento social” classista, seja no poder econômico e também no acesso a cultural. Para a classe alta as pessoas pobres não têm aptidão para ser da classe alta, logo merecem não ter oportunidades de ascensão financeira e nem acesso à educação sendo condenados a pobreza eterna.

⁷¹ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

⁷² Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

⁷³ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

2.5 ESCRAVIDÃO MODERNA

O segundo ponto da justificação da classe média para baixo, em relação às classes populares, é o ponto mais interessante e que a transforma definitivamente na marionete perfeita da elite do dinheiro. A classe média brasileira possui um ódio e um desprezo pelo “povo” cevados secularmente. Essa é talvez nossa maior herança intocada da escravidão, nunca verdadeiramente compreendida e criticada entre nós. Para que se possa odiar o pobre e humilhá-lo, tem-se de construí-lo como culpado de sua própria (falta de) sorte e ainda torná-lo perigoso e ameaçador. Se possível, deve-se humilhá-lo, enganá-lo, desumanizá-lo, maltratá-lo e matá-lo cotidianamente. Era isso que se fazia com o escravo e é exatamente a mesma coisa que se faz com a “ralé de novos escravos” hoje em dia. Transformava-se o trabalho manual e produtivo em vergonha suprema, como “coisa de preto”, e depois se espantava que o negro não enfrentasse o trabalho produtivo com a mesma naturalidade que os imigrantes estrangeiros, para quem o trabalho era símbolo de dignidade. Dificultava-se de todas as formas a formação da família escrava, e nos espantamos com as famílias desestruturadas dos nossos excluídos de hoje, mera continuidade de um ativismo perverso para desumanizar os escravos de ontem e de hoje⁷⁴.

Os povos originários também sofrem com o mesmo preconceito, além de terem suas terras retiradas, foram obrigados a abandonar sua cultura, foram catequizados e escravizados, pois eram considerados seres sem alma. O atual presidente da República Federativa do Brasil disse em transmissão nas redes sociais “ Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós”. A fala do presidente coloca em cheque que os indígenas sejam seres humanos, uma fala racista e preconceituosa vinda do chefe de Estado brasileiro. Os povos indígenas são vítimas de aporofobia pela sua cultura diferenciada do sistema econômico vigente.

Os escravos foram sistematicamente enganados, compravam a alforria nas minas e eram escravizados novamente e vendidos para outras regiões, eram brutalizados, assassinados covardemente. A matança continua também agora, com os novos escravos de todas as cores. O Brasil tem mais assassinatos – de pobres – que qualquer outro país do mundo. São 60 mil pobres assassinados por ano no Brasil. Existe uma guerra de classes hoje declarada e aberta⁷⁵.

⁷⁴ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

⁷⁵ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

A reforma trabalhista e a reforma previdenciária são mais uma estratégia para enganar o povo mais necessitado, colocando em risco e dificultando a aposentadoria dos idosos e empobrecendo o mercado de trabalho cada vez mais. Com a reforma da previdência os idosos vão demorar mais para se aposentar e com a reforma trabalhista o aumento do trabalho informal afeta de forma direta o tempo de contribuição para o aposento.

Construiu-se toda uma percepção negativa dos escravos e dos seus descendentes como feios, fedorentos, incapazes, perigosos e preguiçosos, isso tudo de forma irônica, povoando o cotidiano com ditos e piadas preconceituosas, e hoje muitos se comprazem em ver a profecia realizada. Não se entende a miséria permanente e secular dos nossos excluídos sociais sem esse ativismo social e político covarde e perverso de nossas classes “superiores”⁷⁶.

Jessé afirma que o ódio secular às classes populares me parece a mais brasileira de todas as nossas singularidades sociais. Como os preconceitos são sociais, e não individuais, como somos inclinados a pensar, todas as classes superiores no Brasil partilham desse preconceito. Ainda que, mais uma vez, ele esteja verdadeiramente “em casa” na classe média. Ainda que a classe média seja muito heterogênea, toda ela, sem exceção, ela é portadora em maior ou menor grau desse tipo de preconceito. De alguma maneira “nascemos” com ele, o introjetamos e o incorporamos, seja de modo inconsciente e pré-reflexivo, seja de modo refletido e consciente, como ódio aberto. Mesmo quem critica os preconceitos os têm dentro de si, como qualquer outra pessoa criada no mesmo ambiente social. O que nos diferencia é a vigilância em relação a eles e a tentativa de criticá-los de modo refletido em alguns, e não em outros. Mas todos nós somos suas vítimas⁷⁷.

O preconceito é uma mazela da sociedade que persiste por várias gerações e precisa acabar, o caminho para superar esse mal é através da empatia e do diálogo para primeiramente entender e compreender o contexto dos pobres e sua situação. A educação é uma ferramenta de grande importância nesse cenário, dando empoderamento e autonomia aos sujeitos, sendo assim possibilitados de outras oportunidades e a capacidade de pertencimento.

2.6 A INCLUSÃO DO OUTRO

⁷⁶ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

⁷⁷ Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2018/02/23/hegemonia-das-ideias-arcaicas-conservadoras-o-problema-do-brasil-e-o-odio-ao-pobre-por-jesse-souza/>. Acesso em 29 jan. 2020

Para Afonso Soares de Oliveira Sobrinho⁷⁸ a ideia de inclusão do outro envolve o diálogo entre as diversas instâncias e atores sociais, desde questões de ordem teórica e prática, como a moral, a segurança, a violência, o preconceito, as desigualdades sociais, econômicas e políticas e os desafios do Estado e da Nação diante da globalização; seja na constituição do bloco da União Europeia e o eurocentrismo; seja entre nós, sul americanos, com os dilemas diários na luta por democracia e liberdade. Assim, há que se lidar com a luta por reconhecimento em um mundo de diferenças e do multiculturalismo centrado na dignidade da pessoa humana⁷⁹.

A inclusão do outro deve se basear na ideia de justiça, pois o justo é “o que é igualmente bom para todos”, como critério de universalização fortalecendo a compreensão do outro e o respeitando pelo fato de ser, em outras palavras conseguir ter empatia pelo o outro, sendo que esse outro é seu semelhantes e carrega consigo as mesmas necessidades para sobrevivência.

A necessidade de entender que nessas sociedades há uma cultura majoritária que, ao exercer o poder político, impregna nas minorias sua forma de vida, ocasionando violação a uma efetiva igualdade de direitos para os cidadãos de origem cultural diversa, no que se refere ao auto-atendimento ético e a identidade dos cidadãos⁸⁰

A ideia de uma justiça moral inclusiva é um caminho longo que precisa ser percorrido para a construção de uma sociedade mais justa, solidaria e equiparia. A inclusão de todas as pessoas, inclusive os mais necessitados, que nesse caso são os pobres que sofrem de aporofobia. O grande desafio é a inclusão do “outro” na sociedade excludente.

2.7 POBREZA NO BRASIL

Segundo o IBGE a extrema pobreza subiu no Brasil e já soma 13,5 milhões de pessoas sobrevivendo com até 145 reais mensais. O número de miseráveis vem crescendo desde 2015, invertendo a curva descendente da miséria dos anos anteriores. De 2014 até o momento 4,5 milhões de pessoas caíram para a extrema pobreza, passando a viver em condições

⁷⁸Pós-Doutor em Direito pela Faculdade de Direito do Sul de Minas – FDSM. Doutor em Direito pela Faculdade Autônoma de Direito de São Paulo – FADISP. Advogado.

⁷⁹Disponível em:
<http://www.lo.unisal.br/direito/semidi/publicacoes/livro1/Afonso%20Soares%20de%20Oliveira%20Sobrinho%20e%20Clarindo%20Ferreira%20Araújo%20Filho.pdf>. Acesso em 30 jan. 2020

⁸⁰ Disponível em:
<http://www.lo.unisal.br/direito/semidi/publicacoes/livro1/Afonso%20Soares%20de%20Oliveira%20Sobrinho%20e%20Clarindo%20Ferreira%20Araújo%20Filho.pdf>. Acesso em 30 jan. 2020

miseráveis. O contingente é recorde em sete anos da série histórica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A alta do desemprego, os programas sociais mais enxutos e a falta de reajuste de subvenções como o Bolsa Família aumentam o fosso do mais pobres. O indicador de pobreza do Bolsa Família, por exemplo, é de 89 reais, abaixo do parâmetro de 145 reais utilizado pelo Banco Mundial⁸¹.

A desigualdade social no Brasil é um problema que afeta uma boa parte do povo brasileiro, a falta de acesso à educação, os baixos salários e a dificuldade de acesso aos serviços básicos como: saneamento básico, saúde e transporte público são exemplos de desigualdade.

A miséria atinge principalmente estados do Norte e Nordeste do Brasil, em especial a população preta e parda, sem instrução ou com formação fundamental incompleta. Mesmo os filhos dessas famílias que queiram superar a condição de estudos dos pais acabam paralisados pela limitação econômica familiar. A falta de renda acaba empurrando os estudantes desse estrato para a evasão escolar. Entre ir à escola ou trabalhar para evitar que a família passe fome, a segunda opção é a mais óbvia. Segundo o IBGE, 11,8% dos jovens mais pobres abandonaram a escola sem concluir o ensino médio no ano passado. Trata-se de um índice oito vezes maior que o dos jovens ricos⁸².

O fato de 11,8% dos jovens mais pobre abandonaram a escola sem concluir o ensino médio é uma alerta para o sistema educacional brasileiro. O mercado de trabalho requer mão de obra qualificada, e o estudo é a base para o conhecimento, com isso os jovens que não terminam seus estudos acabam ocupando cargos mais braçais no mercado de trabalho, sendo que na maioria deles os salários são mais baixos. Quanto mais tempo estudando, maior a possibilidade de ter uma remuneração mais alta, logo os jovens ricos que não precisam largar os estudos para trabalhar são aqueles que conseguem as melhores remunerações.⁸³

O IBGE aponta a necessidade de um trabalho focado para este grupo. Segundo André Simões, gerente do estudo Síntese de Indicadores Sociais, a saída da miséria desta população depende de cuidados maiores. “É fundamental que as pessoas tenham acesso aos programas sociais e que tenham condições de se inserir no mercado de trabalho para terem acesso a uma

⁸¹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/06/politica/1573049315_913111.html. Acesso em 30 jan. 2020.

⁸² Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/06/politica/1573049315_913111.html. Acesso em 30 jan. 2020.

⁸³ Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25885-11-8-dos-jovens-com-menores-rendimentos-abandonaram-a-escola-sem-concluir-a-educacao-basica-em-2018>> Acesso em 13 de jan 2020.

renda que as tirem da situação de extrema pobreza”, diz ele. Um dado do IBGE, porém, chama a atenção. Dos 13,5 milhões de miseráveis, 13,6% tinham alguma ocupação, ainda que informal, cumprindo abaixo das 40 horas de trabalho semanal⁸⁴.

Outro dado importante é a concentração de renda brasileira quase 30% da renda do Brasil está nas mãos de apenas 1% dos habitantes do país, a maior concentração do tipo no mundo. É o que indica a Pesquisa Desigualdade Mundial 2018, coordenada, entre outros, pelo economista francês Thomas Piketty. (Borges,2017)⁸⁵.

Os dados sobre o Brasil se restringem ao período de 2001 a 2015, e são semelhantes em metodologia e achados aos estudos pioneiros publicados pelos pesquisadores brasileiros Marcelo Medeiros, Pedro Ferreira de Souza e Fábio Castro a partir de 2014. No caso de Souza, pesquisador do IPEA⁸⁶, o trabalho construiu série histórica sobre a disparidade de renda no Brasil desde 1926. A *World Wealth & Income Database* (base de dados mundial de riqueza e renda) aponta que o 1% mais rico do Brasil detinha 27,8% da renda do país em 2015, enquanto no estudo do brasileiro, por diferenças de metodologia, a cifra é 23%. (ElPais,2017)⁸⁷

A centralização da renda brasileira deixa evidente a desigualdade social existente no país, onde muitos têm pouco e poucos têm muito. Milhares de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza e alguns poucos vivendo como verdadeiros deuses do Olimpo. O imposto sobre grandes fortunas seria um caminho para combater a pobreza no Brasil, mas esse tributo previsto na Constituição Brasileira de 1988 não está regulamentado.

Nesse contexto a moral, justiça, cidadania, ética, direito, liberdade, democracia, discutida por Habermas tem sido objeto de paradoxos na sociedade contemporânea. Revela-se a crise do Estado em oportunidade de repensar a sociedade a partir de um pacto com vistas à superação das desigualdades, exclusão. Há, portanto que se vislumbrar valores e princípios capazes de fomentar o Direito a inclusão do outro à luz de um mínimo existencial para todos, como política dos Estados-membros da ONU. Vislumbra-se, portanto, diálogos e ações concretas entre as diversas instâncias locais e global (comunidades e suas culturas), para que se alcance uma paz duradoura fundada em Direitos Humanos e em políticas de reconhecimento como critério de legitimidade deliberativa.

⁸⁴ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/06/politica/1573049315_913111.html. Acesso em 30 jan. 2020.

⁸⁵ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/13/internacional/1513193348_895757.html. Acesso em 30 jan. 2020.

⁸⁶ A fundação Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada é uma fundação pública federal vinculada ao Ministério da Economia.

⁸⁷ https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/13/internacional/1513193348_895757.html

Nesse contexto revela-se a esfera político-participativo pelo compromisso de todos pela governança seja na zona do euro, ou do Mercosul a partir de princípios válidos a todos com vistas à manutenção da paz e da justiça social. (BOLDT, Raphael.2009)⁸⁸. Compreende-se que o outro é nosso semelhante e a busca desse reconhecimento requer aproximação e reciprocidade, o ser humano possui essa capacidade de inter-relacionamento com o outro podendo ser uma ferramenta no combate a aporofobia.

⁸⁸ Disponível em:

<http://www.lo.unisal.br/direito/semidi/publicacoes/livro1/Afonso%20Soares%20de%20Oliveira%20Sobrinho%20e%20Clarindo%20Ferreira%20Araújo%20Filho.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2020

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pobreza é um dos problemas mais urgentes para os quais as sociedades modernas devem dar uma solução rápida e definitiva para minimizá-la. A pobreza deveria fazer parte do passado e não do presente e menos do futuro. Quando falamos de pobreza, nos referimos à má distribuição de recursos, à desigualdade de oportunidades e à irresponsabilidade de instituições que são incapazes de oferecer uma resposta a esse problema.

O Estado como responsável pela não promoção de discursos que favoreçam o ódio contra aqueles / as que não respondem a identidades histórica e culturalmente hegemônicas nas sociedades patriarcais ocidentais ou na consciência de todos os cidadãos na luta contra as desigualdades estruturais.

Sabe-se que muitas pessoas vivem abaixo da renda básica e precisam de uma abordagem transdisciplinar, considerando-a como um problema de justiça e também de ética cívica. A aversão aos pobres é uma patologia social que se arrasta há séculos pela história da humanidade, fortalecendo a desigualdade social.

A Aporofobia é um atentado a dignidade humana, um ato de injustiça, antiético e cruel. Nenhum ser humano deve sofrer por ser pobre ou estar na condição de pobreza, pelo contrário, precisa de ajuda social e oportunidade para sair dessa situação. Portanto a aporofobia precisa ser combatida e erradicada. “Não há nenhum ser humano que não tenha nada de valioso para oferecer” Adela Cortina (2018). O ser humano não é somente sua força de trabalho, o ser humano vai além disso.

Investindo na educação das pessoas e, por outro, trabalhando por uma economia ética, empenhada na melhoria da vida das pessoas e na redução das desigualdades. Neste ponto, acredita-se que a ética das empresas, materializada em sua Responsabilidade Social Corporativa, junto com a tarefa dos governos, é central. Quanto mais inclusão social, melhor para o país, mais a economia gira, logo isso é bom para todos. A inclusão social é um dos caminhos a ser percorrido para garantir oportunidades para os mais necessitados, sendo uma ação direta e efetiva para uma vida com mais dignidade e qualidade.

O pobre é visto por uma parcela da população como um indivíduo “vagabundo”, uma pessoa que não pensa no futuro, logo aquele que não quer trabalhar, uma pessoa sem compromisso. Mas essa afirmação é infundada, equivocada e preconceituosa. Na maioria dos casos de aporofobia principalmente em nosso país é evidente dizer que a aporofobia brasileira tem cor e etnia, os negros e imigrantes são as principais vítimas dessa atrocidade.

Ademais, é importante pontuar que a incompetência do estado influencia na persistência do problema. De acordo com Habermas (1996), incluir não é só trazer para perto, mas também respeitar e crescer junto. A frase do filósofo alemão mostra que enquanto o Estado não garantir os direitos, a invisibilidade permanece causando preconceito. Devido a chamada "modernidade líquida", criada pelo sociólogo Zygmunt Bauman, estamos vivendo em uma época individual, na qual as pessoas vivem apenas para si, esquecem os valores, desvalorizam a cultura que os cercam e tornam atual um método de exclusão vivida.

Em um exercício simples de reflexão questione-se: quantas vezes ouviu referências pejorativas, piadas, expressões negativas acerca de negros e pobres na sua cidade? Quantas vezes ouviu referências elogiosas? Compare quantos predicados positivos de negros e pobres você consegue lembrar. Quantas aulas teve sobre a natureza do racismo ou da pobreza na sua escola ou no seu curso? Você acha que racismo consiste apenas em xingamentos (como torcedores fazem), violência física ou frases em banheiros? Ou há mais elementos? E se há, quais seriam? Se essas perguntas, especialmente a última, forem difíceis de responder, não seria o caso de admitir que algo mais precisa ser feito?

Para combater a pobreza que é a principal fonte da aporofobia é investir principalmente no crescimento econômico, com políticas sociais de acesso para a população mais necessitada. Educação para todos, emancipatória e voltada para área do trabalho também é uma forma de combater a aporofobia. Com inclusão de pessoas no mercado de trabalho com qualificação através da educação ajuda as famílias a sair da pobreza e ainda ajuda a melhorar a economia brasileira..

Há uma afirmativa, atribuída a Madre Teresa de Calcutá (Prêmio Nobel da Paz, de 1979), que faz pensar sobre nossa ação diante da aporofobia: "Sei que o meu trabalho é uma gota no oceano. Mas sem ele o oceano seria menor". Esse trabalho de conclusão de curso é apenas uma gota ou apenas mais um passo no combate a pobreza e a aporofobia. A construção de uma sociedade mais justa, solidária e igualitária passa por nossas mãos seja através do voto nas escolhas dos nossos representantes até nas ações éticas e morais do dia a dia.

Por fim, acredita-se que os verdadeiros agentes transformadores da sociedade somos nós. Precisamos ser protagonistas de uma transformação social e política em nosso país que combata de forma direta a aporofobia, a desigualdade, o racismo, a pobreza, a xenofobia e todos os tipos de preconceitos existentes na sociedade. O direito de estudar, trabalhar e buscar a independência financeira precisa ser entendida como um direito e não como um privilégio.

REFERÊNCIAS

Aprendemos juntos. Versión completa. *Para qué sirve la ética?* Adela Cortina, filósofa. Disponível:<<https://www.youtube.com/watch?v=HOY0CSVAA4w>>. 15 de jul. de 2019. Acesso em 02 de jan. de 2020.

ARAUJO, Luiz Antônio. Por que a Europa só consegue lidar com a tragédia das ondas migratórias como problema de segurança. **Gauchazh**, 2015. Disponível:<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/08/por-que-a-europa-so-consegue-lidar-com-a-tragedia-das-ondas-migratorias-como-problema-de-seguranca-4835671.html>>. Acesso em 03 de jan. de 2020.

BOLDT, Raphael; KROHLING, Aloísio; **A (Im)Possível Inclusão do “Outro” na Sociedade Excludente**. Revista Intertemas; Toledo142; 2009. Disponível em <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/INTERTEMAS/article/view/733/733>>. Acesso em 14 de jan. de 2020.

BORGES. Rodolfo. **Brasil tem maior concentração de renda do mundo entre o 1% mais rico**. EIPais, 2017. Disponível:<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/13/internacional/1513193348_895757.html> Acesso em 15 de jan de 2020.

CALDAS, Cadu. **“Não são os mais pobres que violam as regras” diz a filósofa Adela Cortina**. Gauchazh, 2016. Disponível:<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2016/06/nao-sao-os-mais-pobres-que-violam-as-regras-diz-filosofa-adela-cortina-5921675.html>>. Acesso em 03 de jan. de 2020.

CORTINA, Adela. *“Aporofobia, El Reachazo Al Pobre. Un Desafío Para La Democracia”*. Barcelona: Paidós, 2017.

Cure-se do preconceito contra imigrantes negros e pobres. Pragmatismo Político, 2015. Disponível:<<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/05/cure-se-do-preconceito-contr-imigrantes-negros-e-pobres.html>>. Acesso em 03 de jan. de 2020.

FRIERA, Silvina. **Aporofobia: termo para "aversão aos pobres" é eleito palavra do ano na Espanha**. Carta Maior, 2018. Disponível:<<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/Aporofobia-termo-para-aversao-aos-pobres-e-eleito-palavra-do-ano-na-Espanha/5/39047>> Acesso em 03 de jan. de 2020.

Fundación Juan March. Adela Cortina: "Traté de averiguar si había una ética común". Disponível:<<https://www.youtube.com/watch?v=I7Ik9YhBnpk>>. 26 de jan. de 2019. Acesso em 04 de jan de 2020.

GARCÍA-GRANERO, Marina. Cortina Orts, Adela 2017, **Aporophobia, a rejeição dos pobres. Um desafio para a democracia. Quaderns de filosofia**, 2017. Disponível:<https://www.academia.edu/35182563/Rese%C3%B1a_de_Adela_Cortina_Aporofobia_el_rechazo_al_pobre._Un_desaf%C3%ADo_para_la_democracia_> 2017. Acesso em 05 de jan. de 2020.

GOMES, Samuel. **Aporofobia: por que odiamos os pobres.** Adela Cortina. Disponível:<<https://www.youtube.com/watch?v=43TajkZfxYo>> 18 de jul. de 2018. Acesso em 30 de dez. 2019.

HABERMAS, Jürgen, “*Die Einbeziehung des Anderssen – Studien zur politischen Theorie*” (A inclusão do Outro: estudos de teoria política). 1996. Tradução: Loyola, 2002.
HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro: estudos de teoria política.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

JIMÉNEZ, Carla. **Extrema pobreza sobe e Brasil já soma 13,5 milhões de miseráveis.** Brasil. Elpais, 2019. Disponível:<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/06/politica/1573049315_913111.html> Acesso em 15 de jan. de 2020.

MEDINA, Miguel Ángel. **Aporofobia o ódio aos pobres sai da escuridão.** DMTEMDEBATE, 2018. Disponível:<<http://www.dmtemdebate.com.br/aporofobia-o-odio-aos-pobres-sai-da-escuridao/>>. Acesso em 03 de jan. 2020.

NOVAES, Edmarcius Carvalho. **A INCLUSÃO COM SENSIBILIDADE PARA AS DIFERENÇAS SEGUNDO HABERMAS.** Disponível:<<http://edmarciuscarvalho.blogspot.com/2011/08/inclusao-com-sensibilidade-para-as.html>> Acesso em 10 de jan. 2020.

PENA, Rodolfo F. Alves. **"Muro do México";** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/muro-mexico.htm>. Acesso em 04 de jan. de 2020.

Quem são os brasileiros que odeiam os pobres . Pragmatismo Político, 2018. Disponível em :<<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/03/brasileiros-que-odeiam-pobre.html> >. Acesso em 03 de jan. 2020.

Quem tem medo e/ou nojo de pobres? Pragmatismo Político, 2015. Disponível:<<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/01/quem-tem-medo-eou-nojo-de-pobres.html>>. Acesso em 03 de jan. 2020.

SOBRINHO, Afonso S. de Oliveira; FILHO, Clarindo F. Araújo. **A INCLUSÃO DO OUTRO: REFLEXÕES ACERCA DA TEORIA POLÍTICA DE JÜRGEN HABERMAS.** 2016. Disponível: <<http://www.lo.unisal.br/direito/semidi2016/publicacoes/livro1/Afonso%20Soares%20de%20Oliveira%20Sobrinho%20e%20Clarindo%20Ferreira%20Ara%20C3%20BAjo%20Filho.pdf>> Acesso em 13 de jan. de 2020.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato /** Jessé Souza. - Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. **Ódio ao pobre é o problema central do brasil.** Vermelho, 2017. Disponível:<<https://vermelho.org.br/2017/09/30/jesse-de-souza-odio-ao-pobre-e-o-problema-central-do-brasil/>>. Acesso em 08 de jan. de 2020.

TEDX TALKS. **Aporofobia, el miedo a las personas pobres.** Adela Cortina. **TEDxUPValência.** Disponível: < <https://www.youtube.com/watch?v=ZODPxP68zT0> > 13 de março 2018. Acesso em 28 de dez de 2019.

Tentação de erguer muros para barrar migrantes cresce no mundo todo. Gauchazh, 2015. Disponível:<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/08/tentacao-de-erguer-muros-para-barrar-migrantes-cresce-no-mundo-todo-4829936.html> >. Acesso em 03 de jan. de 2020.

Universidad Nacional de Colombia – UM Televisión. Aporofobia Adela Cortina | #AnálisisUN. Disponível:<<https://www.youtube.com/watch?v=zzFdQh8kBao>> 25 de set. de 2019. Acesso em 30 de dez. de 2019.

Você sabe o que é Aporofobia? Pragmatismo Político,2018. Disponível:<<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/07/sabe-aporofobia-pobre-preconceito.html>> Acesso em 03 de jan. de 2020.